Estas laudas do bilhete 1
3 + 22 do poema -

Feitosa:

Aí vai o que será o primeiro canto do Poema dos Descobrimentos. Não vou fazer a epopéia das Indias e da Costa da África e da Ásia. Esta já foi cantada por Luiz Vaz - o Camões. Visitei as enxovias do Arco do Cego, onde ele esteve preso uma vez, em Lisboa, dizem que por rixas.

Pauta e Clave:

este primeiro canto é um prelúdio das navegações e descobertas. A clave é D. Diniz - Diônisos, Poeta e Rei, o do Cancioneiro, marido da Rainha Isabel, a Santa e de todas as fêmeas que executou. - "Ai flores do verde pinho" - verso de seu Cancioneiro é o mote para a glosa.

O Rei, com suas mãos e com as mãos da bela Isabel, plantou os pinhos. Tudo começou com ele. E começou quando ele viu um dia no porto os barcos de Marselha e se deu conta de que Portugal não tinha barcos. Porque não tinha táboas. Plantou, então, os famosos pinhais de Leiria para fazer táboas, tão boas para naus como para violas. E olhando o pequeno mar do porto, exclamou: "eu não quero este mar, eu quero é o outro". Mandou plantar linhos e fabricar teares, para fazer as velas. Mandou explorar as minas, para produzir ferro com que fundir as âncoras. Etc. Sem ele,

não teria existido o Infante nem a saga de Sagres. Nem as táboas para violas.

Outras pautas: - as rimas são um contraponto indignado à insolência de Kipling, ao dizer que os ingleses dominavam um império com Lahore e Singapore
e outras cidades terminadas em ore. Império foi o nosso, com todas as rimas do mundo.

O poeta Godo e Cláudio Girola descobriram um bêbado vagabundo dos cerros e do Cais do Porto de Valparaiso. Foram tira-lo da cadeia. Estava preso sem ter feito nada de mal. - "Que é que você faz dia e noite pelas ruas? "- perguntou o comissário. - "Caminar"- foi a resposta. - "Caminar como? "- "Caminar caminando". Guardamos a frase antológica e decidimos que não tínhamos nada a fazer senão caminhar caminhando. Sem rumo, sem objetivo. Então, o escultor Cláudio Giriola fêz um belo monumento de bronze ao lírico vagabundo, e o instalamos na esquina de um cerro de Valparaiso, em festa com 500 estudantes da universidade
e leituras de poemas e danças e muito vinho.

Os portugueses não faziam mais do que navegar navegando. E é assim, sem intenções imediatas, que se descobre o mundo. O destino do homem e do mundo. É assim que se chega lá.

O mundo como poema é glosa de Santo Agostinho:

mundum tamquam carmen pulcherrimum posuisti. - É assim que o mundo foi posto e com-posto pelo Creador.
Essas não são explicacões, que a poesia não tem explicação. Mas sempre vale a pena, para o tocador de flauta, saber se o opus está "positum" numa clave de fá ou numa clave de sol.

O homem de Beja é Dom Manuel, o Venturoso. Beja, a terra onde morreu de amor a mais alta poeta do amor e da saudade, a doce e trágica Soror Mariana Alcoforado, a das Cartas da Portuguesa, que encheram a vida de Rilke. Seu convento é hoje e um museu e visitei de coração apertado a cela em que gemeu a bela Mariana e olhei pela grade das janelas claustrais a paisagem alentejana por onde passava o cavaleiro francês que a enlouquecera.

Depois deste prelúdio do primeiro canto, entramos no Atlântico e o poema pretende ser o achamento do Brasil, sua invenção e fundação. Pois o Mestre Luís Vaz não tratou desta que foi a maior invenção de Portugal, a nação do Brasil. Terei forças? - Ando meio angustiado com o tempo que passa. Mas vou continuar a navegar navegando, sem saber se chego. O importante é partir.

Abraços, Gerardo